

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

SAMARA REGINA GOMES DE MELO

**OLMO E A GAIVOTA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM
GRÁVIDAS**

João Pessoa
2017

OLMO E A GAIVOTA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM GRÁVIDAS

SAMARA REGINA GOMES DE MELO

Trabalho apresentado para a obtenção
do diploma de graduação em Jornalismo
na Universidade Federal da Paraíba.

Orientação: Prof. Dr^a. Glória Rabay

João Pessoa
2017

OLMO E A GAIVOTA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM GRÁVIDAS

Samara Regina Gomes de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso julgado e aprovado para a obtenção da certificação de Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Glória de Lourdes Freire Rabay
Departamento de Jornalismo – Universidade Federal da Paraíba
Orientadora

Prof^a. Dr^a Nadja de Moura Carvalho
Departamento de Mídias Digitais – Universidade Federal da Paraíba
Examinadora

Prof^a. Dra. Margarete Almeida Nepomuceno
Departamento de Jornalismo – Universidade Federal da Paraíba
Examinadora

Dedico de forma especial a minha família e ao meu pai, que mesmo não estando mais presente fisicamente está sempre vivo dentro de mim.

E a todos que me apoiaram neste trabalho e na busca pelo conhecimento, que, com certeza, não acaba aqui.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus, aos anjos, ao cosmos, ao acaso, ou seja lá a coisa que rege a vida e seus acontecimentos por terem me levado até esse momento. Agradeço também pela enorme leva de coisas e pessoas boas que passaram e passam por mim.

Agradeço de forma especial a minha mãe que desde pequena me incentivou a correr atrás dos meus sonhos, a amar e a viver. Que sempre esteve ao meu lado para me ajudar, me ouvir, me aconselhar, sorrir e chorar comigo. Agradeço também ao apoio e força gigantesca que minha avó Daluz me deu e me dá desde sempre. Obrigada por cada palavra e por cada silêncio também, sei o quanto o seu silêncio me fala e me traz força. Obrigado minhas irmãs Soraya e Safira por me aturarem falar tanto em comunicação, em recepção, em gravidez, em maternidade e em TCC. Vocês não imaginam o quanto me influenciaram para chegar até aqui.

Agradeço pelo carinho, força e apoio a: Aline Melo, Jailson Batista, Pedro Alencar, Felipe Aires, Nadja Carvalho, Irley David, Leila Farias, Lídia Samywas, Felipe Anacleto, Sara Gomes, Camila Albuquerque, Geri Júnior, aos meus amigos do Inovar, da Pascom Sapé, dos estágios onde passei, aos meus colegas de classe, aos companheiros dos apartamentos onde morei e as minhas alunas que me renovavam de energia, sonhos e força todos os sábados.

Agradeço também a paciência e dedicação da minha orientadora Glória Rabay, a disposição de Joana Rosa e Gabriela Figueiroa em me ajudarem na parte prática deste trabalho, aos amigos que me ajudaram na busca das participantes para a minha pesquisa e as participantes da pesquisa que me doaram, tempo, carinho e vivências.

Gratidão também aos meus professores de sala de aula e de vida. Obrigada por cada debate, cada conversa e cada momento.

E eu não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que me inspiram em seus sons e versos: Dani Black, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Cássia Eller, Elis Regina, Gonzaguinha, O Teatro Mágico, Chico Cesar, Paulinho Moska, Arnaldo Antunes, Seu Pereira, Gilberto Gil e tantos outros mestres do som, dos versos e da vida.

A todos que me enviam boas vibrações e boas energias, agradeço, hoje e sempre.

*Eu sou maior do que era antes
Estou melhor do que era ontem
Eu sou filho do mistério e do silêncio
Somente o tempo vai me revelar quem
sou...*

(Dani Black)

RESUMO

A presente pesquisa visa analisar a recepção do longa metragem *Olmo e a Gaivota* (2015) junto a um grupo de grávidas de João Pessoa - PB. Baseando-se nos estudos de recepção e na temática do mito da maternidade, utilizou-se da metodologia do grupo focal, com a realização de cine fórum, para acompanhar o processo de recepção com as participantes. Também buscou-se compreender como se deu ou não um processo de identificação das mulheres com a narrativa fílmica. Chegando-se como parte das conclusões que aconteceu a identificação das participantes com a narrativa e a afirmação de repensar a questão do mito da maternidade em nossa sociedade e nos produtos comunicacionais, compreendendo a grande interferência da mídia na construção e reconstrução dos papéis sociais.

Palavras chave: Comunicação. Recepção. Mito da maternidade. Grupo focal. Olmo e a Gaivota.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the reception of the feature length *Olmo e a Gaiivota* (2015) with a group of pregnant women from. Based on the reception studies and the thematic of the myth of motherhood, the methodology of the focal group was used, with the realization of a forum cinema, to follow the process of reception with the participants.

It was also sought to understand how a process of identification of women with the film narrative was or was not given. The participants' identification with the narrative and the affirmation of rethinking the question of the myth of motherhood in our society and in the communication products, including the great interference of the media in the construction and reconstruction of social roles, were arrived at as part of the conclusions.

Keywords: Communication. Reception. Myth of motherhood. Focus group. Olmo e a Gaiivota.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 Estudos de Recepção	11
2.2 Mito da Maternidade	14
3 PERCUSRO METODOLÓGICO.....	19
3.1 Construção do Grupo Focal.....	20
3.2 Construção do Questionário.....	21
3.3 Realização do Cine Fórum.....	22
3 OLMO E A GAIVOTA: O FILME.....	24
5 OLMO E A GAIVOTA: CONSTRUINDO UMA ANÁLISE DE RECEPÇÃO.....	27
4.1 Segundo Encontro.....	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS.....	45
Anexos.....	46
Apêndices.....	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho partiu da vontade de descobrir como o espectador vê, percebe e compreende o produto comunicacional. Aos meus olhos, a comunicação não termina no espectador, mas ganha uma ressignificação que pode estar ligada ou não à intensão do emissor. E foi por isso que propus um estudo de recepção e em especial do filme *Olmo e a Gaivota* (2015) das diretoras Petra Costa e Lea Glob. Realizo o estudo de recepção junto a um grupo focal de grávidas da cidade de João Pessoa - PB. A temática central deste trabalho é a abordada pelo filme, a maternidade.

Para compreender o universo que foi abordado e está exposto no decorrer desta pesquisa, se fez necessário conhecer os estudos de recepção e o mito da maternidade de uma forma mais detalhada, para assim chegar até aos teóricos e aos conceitos da área. Como poderá ser visto no capítulo da *Fundamentação Teórica* que foi dividida em dois pequenos tópicos que abrangem estas informações e conceitos.

Além disso, também se fez necessário conhecer amplamente o objeto de pesquisa, o longa *Olmo e a Gaivota* (2015). Pois toda a construção deste trabalho se deu a partir do discurso que o objeto nos trouxe. A análise do filme será encontrada no capítulo intitulado *Olmo e a Gaivota: o filme*. Neste capítulo mostramos que o filme nos traz uma visão de maternidade pela vivência e pelo olhar de Olívia Corsini, a protagonista do filme.

Um olhar que as diretoras fazem questão de deixar o mais real possível e o mais próximo possível do que havia no material usado como base na construção colaborativa do roteiro, o diário de áudio feito por Olívia durante toda a gravidez e o período de parte das filmagens. Neste diário de áudio, Olívia trazia a tona todos os seus medos e questionamentos sobre a gravidez e o ser mulher-mãe. Criando assim uma narrativa de documentário/ficção.

Posso assim, ousar dizer que a partir dessa inovadora construção narrativa, *Olmo e a Gaivota* traz questões e pensamentos que nos colocam a par de uma maternidade humana e verdadeira, que se distancia e coloca em cheque os padrões e conceitos do mito da maternidade que normalmente são reforçados na mídia e que estão absorvidos socialmente. E é aí que se encontra o diferencial deste objeto e, por consequência, o diferencial desta pesquisa. E foi partindo desta narrativa, que a construção deste estudo de recepção foi iniciada e fundamentada.

Depois de analisar a narrativa, delimitarei os pontos específicos deste estudo e

concluí que seria interessante realizar esta análise de recepção abordando em especial os seguintes pontos: o mito da maternidade e o domínio do corpo da mulher-mãe.

Delimitado os pontos específicos que formam a fundamentação, escolhi uma metodologia que abrangesse a proposta dos estudos de recepção e que tivesse maior possibilidade de chegar aos resultados esperados, o grupo focal. Uma metodologia ainda pouco usada nos estudos de comunicação, mas que se encaixa perfeitamente nos estudos de recepção. E que foi ajustada às necessidades desta pesquisa em especial. Além da metodologia, trago no capítulo do *Percurso metodológico* o motivo da escolha por um grupo focal de grávidas e todos detalhes das necessidades, ajustes e as dificuldades na execução deste trabalho.

Depois da escolha das questões específicas e da metodologia, comecei planejar como aconteceria a captação das informações sobre a recepção no grupo focal. De imediato, pensei no quanto deveriam pesar os fatores classe social e nível de escolaridade. Entretanto, ao decorrer da execução do trabalho e da realização do encontro com grupo focal foram descobertos os fatores que realmente influenciariam na construção dessa recepção. No capítulo intitulado *Olmo e Gaivota: construindo uma análise de recepção* trago estes fatores, como eles foram encontrados nos discursos das participantes e como aconteceu o encontro do grupo focal.

Para completar a jornada deste trabalho, trago o que este estudo conseguiu trazer de novo para os estudos de recepção. Trago também informações sobre a identidade da mulher-mãe neste nosso momento contemporâneo e como isso se liga a narrativa do objeto pesquisado e conseqüentemente a este estudo de recepção. Tudo isso e alguns apontamentos sobre as dificuldades da realização deste trabalho encontram-se no capítulo de fechamento, as *Considerações Finais*.

Após este breve panorama sobre o que se encontra nas páginas seguintes, convido você a se questionar junto comigo e a embarcar neste estudo de recepção e da maternidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Estudos de Recepção

Tudo é linguagem, tudo é comunicação e de tudo criam-se visões, interpretações e recepções. Dentro desse tudo, a linguagem cinematográfica se mostra cada vez mais encantadora seja pelas inovações que a tecnologia traz para a sétima arte, seja pela qualidade das produções que aumentam a cada dia, seja pela proximidade cada vez maior entre as narrativas cinematográficas e a construção da nossa realidade ou pela enorme possibilidade de criar novas realidades.

Assim como acontece em todos os meios de comunicação, o cinema cria o seu olhar sobre o mundo e sobre determinados temas. E traz para nós, espectadores de diferentes classes, níveis, conhecimentos e opiniões, uma versão do mundo, começando assim o processo comunicacional que pode ser simplificado pelo seguinte caminho: emissor-media-receptor/espectador. E é sobre o espaço que se cria quando este processo comunicacional chega ao receptor/espectador que se encontram os estudos de recepção.

Estudos de recepção, segundo o verbete escrito por Nilda Jacks na Enciclopédia INTERCOM de Comunicação (2010, p.492),

[...] podem ser entendidos como um subcampo dos estudos de comunicação, como uma abordagem específica dentro de suas teorias, embora esta problemática perpassasse outros campos e disciplinas como os estudos literários, a sociologia, antropologia, psicologia e educação.

Ainda para Jacks (2010), alguns autores consideram que não há um consenso na teoria geral da recepção e em suas classificações.

Desenvolvida dessa maneira multifacetada, os Estudos de Recepção tiveram início com uma abordagem na literatura, quando em 1960 Hans Robert Jaus deu o pontapé inicial nas pesquisas da Estética da Recepção que visavam compreender os atos de leitura. Nas décadas seguintes estas pesquisas foram avançando e chegando a diversos campos de estudos, incluindo a comunicação. E é na comunicação que o estudo da recepção ainda é considerado um subcampo teórico metodológico recente que teve seu início datado por volta de 1980, como nos conta Odinaldo da Costa em *Domésticas – O filme: Um estudo de recepção com profissionais do Distrito Federal* (2007). Pois

só em 1980 estes estudos são reforçados pela proposta de audiência trazida da tradição dos estudos culturais.

Com o enfoque centrado no receptor, este subcampo dos estudos da comunicação compreende o indivíduo/receptor como agente ativo e dessa forma se contrapõem a tantas outras teorias como a teoria funcionalista, a teoria crítica, algumas vertentes da semiótica e da semiologia, como nos afirma Costa em 2007.

Para os estudos de recepção, a investigação parte do seguinte questionamento: “Conhecer os hábitos de exposição aos meios e aos usos que fazem deles diferentes grupos sociais que compõem a audiência” (JACKS, 1999). E como, segundo Cotado (2003), “Os estudos de recepção podem ser vistos como uma tentativa de dar voz ao receptor, àquele que recebe a mensagem, fato que talvez seja menos relevante nos Estudos Culturais. Cabe a esse receptor interpreta-la a partir, de seu contexto e de sua história de vida.” E é por esta visão que os Estudos de Recepção realizados pela academia buscam seguir.

Um problema que ainda persiste na compreensão dos estudos de recepção é o entendimento desses estudos como algo apenas mercadológico, ligados a pesquisas de índices de audiência, de tempo médio de exposição à TV, preferências de programação e a pesquisas ligadas apenas a abordagem quantitativa e que se difere do principal foco das pesquisas sobre recepção realizadas pela academia e também do foco deste trabalho. Não que a academia não produza estudos de recepção quantitativos, mas este fica sendo o foco destas pesquisas realizadas pelo mercado enquanto para a academia o foco fica centrado nas pesquisas qualitativas, como nos afirma também Costa (2007, p.23) “A pesquisa qualitativa é a opção mais apropriada para alguns casos devido à sua eficácia diante de objetos que precisam de liberdade para falar por si”.

Para entender melhor de onde advém esta área de pesquisa dentro do universo das pesquisas em comunicação, se faz necessário compreender onde ela está inserida. Para este trabalho adotamos o histórico que Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks nos trazem no livro *Comunicação e Recepção*, publicado em 2005. Nesta obra, as autoras nos trazem um panorama nacional e internacional sobre os estudos da área.

Segundo Escosteguy e Jacks (2005), na comunicação a análise de recepção é uma das correntes dos estudos das relações entre a mídia e as suas audiências.

Os estudos das relações entre as mídias e suas audiências começaram a ganhar uma nova reconfiguração e novas correntes, chegando ao atual e mais usado panorama

internacional das pesquisas sobre mídia e suas audiências. Esta classificação criada por Jensen e Rosengren, em 1990, dividiu em cinco correntes de pesquisa os estudos da mídia e suas audiências: usos e gratificações, crítica literária, pesquisa sobre os efeitos, estudos culturais e análise de recepção. Classificação essa segue até hoje como a mais aceita e a mais usada pelos pesquisadores da área.

Como nos mostra Escosteguy e Jacks, ainda em *Comunicação e Recepção* (2005), mesmo antes da formulação dessa classificação de Jensen e Rosengren (1990), as pesquisas entre a mídia e suas audiências já existiam na comunicação e teve como pioneira a pesquisa sobre os efeitos, na década de 1920. Ainda com uma forte influência do paradigma funcionalista, estes estudos caminharam lado a lado com os estudos sobre comunicação de massa. Nessa década, os meios de comunicação eram escassos e a noção do espectador/receptor como agente ativo ainda não fazia parte das pesquisas deste campo. Em seguida vieram as pesquisas de usos e gratificações, na década de 1940, a pergunta que move essa vertente passa a ser “o que o indivíduo faz com os meios?” As correntes de crítica literária, que deixaram um grande legado sobre a noção do “leitor” e a compreensão do receptor/leitor dos meios de comunicação textuais e ascenderam o questionamento sobre a diferença existente entre a recepção dos meios de comunicação textuais e dos audiovisuais; Os estudos culturais construídos a partir do final dos anos de 1950, sendo um campo interdisciplinar e já com uma visão do sujeito receptor/espectador/leitor como um agente ativo na construção do processo comunicacional trazendo também a influência da questão ascendida nos estudos de crítica literária e por fim a análise de recepção, onde também temos o receptor como sujeito ativo, dotado de subjetividades, que se encontra como uma vertente de construção teórica e metodológica bem mista influenciada por diversas áreas do conhecimento e que desta forma tentam superar os limites teórico e metodológicos das outras quatro classificações.

Escosteguy e Jacks (2005, p.45) também nos colocam a par de um problema comum as cinco classificações e às teorias originadas nas ciências humanas, a impossibilidade de generalização.

A partir da década de 1990 e da classificação de Jensen e Rosengren, em *Five traditions in search of the audience* (1990), as pesquisas de recepção começaram a ganhar uma considerável força (principalmente na América Latina) e novos métodos, como entrevistas e grupos focais, nas quais o receptor/espectador passa a ser considerado cada vez mais como um agente ativo, que interpreta a mídia de acordo com

suas experiências individuais e particularidades (sociais, econômicas etc.) também se mostraram presentes nas análises.

Todas as cinco correntes presentes nesta classificação se desenvolvem até hoje, algumas com uma determinada força e outras ainda a passos lentos, como é o caso dos estudos de recepção. Principalmente os estudos de recepção cinematográfica, que continuam à margem dos estudos de recepção sobre produtos audiovisuais e que necessitam de um incentivo acadêmico, como coloca Fernando Mascarello, “No cenário nacional de patente pujança dos estudos de cinema, contata-se a taxativa precariedade da pesquisa de recepção. Indicadores das mais variadas espécies atestam a gravidade do quadro”(MASCARELLO, 2005, p.132). E é também por este motivo que nota-se a necessidade de pesquisas como estas. Como uma das tentativas de reverter esse quadro em que se encontra os estudos de recepção nos produtos cinematográficos.

2.2 Mito da Maternidade

Como na antiguidade, a maternidade ainda é tida como um tema sagrado. Em nosso inconsciente coletivo tudo que está ligado a ela se remete à ternura, ao amor inabalável e por diversas vezes à figura da virgem Maria. E é por toda essa ideia ligada à maternidade que falar, e principalmente questioná-la, é considerado um tabu.

Por isso, falar do *Olmo e a Gaivota* e de grávidas, sem falar no mito da maternidade seria um erro. Um tema tão presente que ultrapassa o filme e permeia toda a sociedade e o universo de realização da pesquisa. Segundo Badinter (1985), o mito do amor materno e a compreensão do amor maternal estiveram em transformação ao longo dos séculos e na contemporaneidade continuam em transformação. Os séculos e as culturas influenciaram e seguem influenciando na formação destes conceitos. Desde a ideia de amor materno dos séculos XVII e XVIII onde o conceito de maternidade, para as classes dominantes e socialmente mais favorecidas, era a entrega de suas crianças as amas de leite e assim a total ruptura de relações de convivência e afeto com a criança até a sua volta para casa que acontecia por volta dos cinco anos da criança, até o mais recente histórico de mudanças do século XIX onde o conceito de maternidade era romântico e totalmente ligado a noção de feminilidade, até a contemporaneidade onde estão encaixadas as participantes desta pesquisa e a narrativa do longa metragem.

De agora em diante fecharemos o nosso pensamento nas mudanças ocorridas a

partir do século XIX onde, ainda segundo Badinter (1985), esta sociedade tinha o mito da maternidade e a compreensão do amor maternal ligados a ideia da mulher subordinada ao seu marido, que seria o provedor das necessidades da casa, e que com a chegada dos filhos essa submissão se aprofunda, e a mulher também se torna submissa também às necessidades dos filhos. Para esta sociedade, a mulher do século XIX tinha um único papel: a maternidade. Este deveria ser também sua única meta de vida e sonho. Com isso, a ideia do amor materno como algo inerente a condição de mulher foi se fortalecendo. Aqui as mulheres também seriam as únicas capacitadas a cuidar da educação e do bem estar dos seus filhos e o caráter biológico da maternidade (advindas dos séculos XVII e XVIII) passam a se misturar com o dever moral com a sociedade. Contrariar esse pensamento social, colocaria a mulher em um lugar obscuro socialmente e em um status de “sub mulher”. Neste século, como houve nos anteriores, há uma força coletiva vinda do patriarcado, que geram uma série de mecanismos psicológicos para que os ideais maternos sejam incorporados pelas mulheres. Julia Gama Tourinho em *A mãe perfeita: Idealização e realidade – Algumas reflexões sobre a maternidade* (2006, p. 11) define bem como seria o ideal materno daquele século e como essa força coletiva exerceu bem o papel que se propôs

A mãe “perfeita e normal” devia mostrar-se paciente e dedicada, atenta a todas as necessidades do seu filho, totalmente devota e qualquer afastamento desse padrão acarretava sentimentos de culpa ou frustração.

Outros pontos que pesavam na construção do mito da maternidade do século XIX era a perda da identidade de mulher após tornar-se mãe e a detenção da mulher ao lar. Fortalecendo assim a ideia da maternidade como instinto e como única forma de satisfação e ascensão da mulher. Com a maternidade a mulher recebia uma nova função social, que a desligava da função de mulher, mas continuava apenas ligada as atividades e as responsabilidades do lar. Sendo a única função relativamente admitida fora do lar a função de professora, por mais que o senso social da época considerasse vergonhoso a mulher que buscasse ampliar seus conhecimentos. A função aceita de professora estava mais ligada a tudo que estava ligado ao trabalho maternal e de formadora da moral do que de formadora do conhecimento. De uma forma geral “Condenava-se o trabalho extra doméstico como desperdício físico de energias femininas, da saúde e da capacidade de desempenho das funções maternas, além de elemento comprometedor da dignidade feminina.” (TOURINHO, 2006, p.12)

Com essas concepções a ideia do amor materno como instinto foi sendo cada vez

mais aceita e naturalizada. Sendo usada também como fator que fortalecia a permanência das mulheres no ambiente doméstico, a superioridade intelectual, social e produtiva do homem e o sentimento de culpa, ou de não realização, das mulheres que fugiam do “destino” da maternidade, já que todas as questões ligadas à maternidade deveriam ser bem aceitas pelas mulheres e por vezes aceita como dom ou bonança.

O instinto materno passou a dominar a mulher desde a infância, tornando-a fascinada pelo papel de mãe, sob o modelo e o fundamento do amor materno. O sofrimento passa a ser considerado inerente à condição feminina, e por possuir ela um amor incondicional, este lhe parece satisfatório. (TOURINHO, 2006, p. 12)

Já na primeira metade do século XX, com as Guerras Mundiais, houve o recrutamento dos homens para o campo de batalha e criou-se assim a necessidade da realização de um trabalho extra doméstico pelas mulheres para a garantia da subsistência da família e que, em alguns casos, era somado à necessidade feminina de realização. Com isso abriram-se novos horizontes para as mulheres, porém o peso das questões relativas à maternidade ainda permaneciam nas costas delas. E deixavam marcas dolorosas, pois agora elas não conseguiam ser uma mãe exemplar, nem dedicar-se completamente ao trabalho.

No contexto histórico do século XX, mais especificamente das duas grandes guerras observou-se que o recrutamento dos homens para os campos de batalha e determinou a ocupação, por mulheres, de funções anteriormente masculinas. [...] No entanto, a mulher-mãe continuou vivenciando o mito da mãe eternamente abnegada, aquela que é responsável pela felicidade de todos, passando a sofrer conflito e ambiguidade por não conseguir dedicar-se plenamente a sua função de trabalhadora, nem ser uma mãe exemplar. (TOURINHO, 2006, p. 20)

Chegando a década de 1960 onde o discurso feminista ganhou força e as concepções sobre o universo feminino começaram a ser questionadas e recriadas, o mito da maternidade entrou novamente em recriação. A ideia Freudiana, vinda do início daquele século, sobre a sexualidade e o comportamento feminino que eram centrados nas fantasias edipianas, na inveja ao pênis e na castração que colocavam para a mulher como a feminilidade plena e a formação do superego condicionados a gestação de um novo ser, começou a ser questionada e amplamente negada por novos estudos na área, como nos conta Badinter (1985, p.333) E foi a partir daí que essa concepção de mãe e do amor materno vindas do século XIX, começaram a sofrer uma grande mudança promovida pelas próprias mulheres.

Podemos ter como exemplo o pensamento da autora Catherine Serrurier (1993) que admitia a presença das “mães más” e compreendia que a felicidade, a realização e

a feminilidade da mulher não estariam ligadas à maternidade. Nestes novos conceitos, concebidos na segunda metade do século XX, a mulher consegue uma certa liberdade para escolher pela maternidade ou não, pelo trabalho fora de casa ou não, ou por fazê-los simultaneamente sem que suas escolhas fossem sempre compreendidas como perda de sua essência feminina. A ideia de submissão, do devotamento inquestionável e a ideia da maternidade como instinto ligado a condição e ao gênero feminino passam a ser consideradas ultrapassadas, injustas e errôneas. Junto a essa recriação do universo feminino e do mito da maternidade, a noção de paternidade também começou a ser reconfigurada.

Ainda na segunda metade do século XX, começa a existir uma pequena liberdade onde a mulher pode expor suas insatisfações e não realizações frente a maternidade. Serrurier (1993 apud TOURINHO 2006) também compreendia essa ideia e afirmava a importância dessa honestidade na formação psicológica e social dos filhos e a garantia de uma maternidade saudável afetuosa com o filho.

Dizendo isso, a mãe reconhece seus limites como mãe: ela gosta muito do filho, mas também gosta muito de sua vida de mulher, da qual o trabalho faz parte. Dizendo isso, confessando-lhe sua divisão, ela vive uma verdade. E nenhuma verdade materna, dita afetosamente, pode fazer mal à criança. (SERRURIER, apud TOURINHO 2006, p. 29).

Apesar disso, dizer que estas mudanças já foram totalmente aceitas pela sociedade seria errôneo. As mulheres ainda são taxadas pelas suas escolhas sobre a maternidade e carregam nas costas o fardo de uma sociedade patriarcal que por mais que tenha avançado no século, nos discursos e nas pesquisas ainda é comum colocar a mulher ligada apenas à maternidade, como acontecia no século XIX e ainda rebaixando quem questiona isso.

Podemos afirmar que o mito da maternidade como era visto no século XIX deixou heranças na compreensão da maternidade na contemporaneidade. Diante disso, podemos dizer, assim como Badinter (1985, p.25) também nos diz, que o mito da maternidade é regulado em função das necessidades e dos valores dominantes que determinadas sociedades colocam nos respectivos papéis de pai, mãe e filho. E assim pode ser mutável segundo os valores das sociedades e épocas. Ela ainda nos diz mais sobre a complexidade da maternidade em nossa sociedade, em *Um amor a ser conquistado* (1985, p.355) ela nos diz,

[...] A maternidade é um monstro de duas cabeças (procriação e criação) cuja confusão a estratégia patriarcal tem interesse em manter.

Ela é pedra no meio do caminho da liberação feminina, pois a especialização da mulher nessa função materna é a causa e o objetivo das humilhações que ela sofre no conjunto da vida social. Primeiro mobilizar as mulheres na maternidade para melhor poder imobilizá-las depois.

Conseguimos ver claramente que na nossa sociedade contemporânea ainda é esperado da mulher uma disposição à maternidade plena, sem questionamentos, angústias ou dúvidas desde o momento da descoberta da gravidez. E que este mito ainda serve como regulador social para as mulheres e como obstáculo para alguns dos desejos femininos no universo que existe fora de sua casa e da maternidade.

Por mais que os séculos tenham passado e as concepções do mito da maternidade tenham sofrido mudanças, questões essenciais ainda seguem este mito e tudo mais que ele envolve. Será que o amor maternal e a necessidade da maternidade está essencialmente ligada à mulher? Será que há uma “maneira certa” de ser mãe e de viver a maternidade? Será que ser mãe realmente coloca as mulheres em um local de felicidade plena?

Para Badinter (1985), a maternidade é um sentimento e se encontra no campo metafísico, não podendo haver regulação de certo ou errado para ela, por mais que as regras sociais construam normas e dite formas corretas sobre como deve ser/estar nesse lugar materno, o afeto, carinho e cuidado existentes na relação entre mãe e filho é algo que precisa ser construído com empenho e dedicação, “O amor materno não é inerente às mulheres. ‘É adicional’.” (BADINTER, 1985; p. 367). Sendo essa forma de compreensão aceita socialmente apenas para a paternidade, as mulheres continuam seu sofrimento social frente a isso.

Atualmente as próprias mulheres buscam a ampliação desta ideia e criaram o conceito do que podemos chamar de maternidade real, dissociando maternidade, plenitude e essência feminina, construindo assim novos espaços de liberdade para expor suas vivências, de colocação de suas escolhas junto a maternidade e de suas vidas pessoais. Em uma tentativa de criar um olhar mais humano e socialmente menos julgador ou falso sobre a maternidade.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia desta pesquisa foi pensada para encontrar seu resultado através da análise do discurso de recepção do espectador sobre as questões e opiniões trazidas pelo produto midiático, neste caso um filme.

Para esta abordagem e para os estudos de recepção em geral, os resultados não são analisados como certos ou errados, mas avaliados e compreendidos de acordo com as particularidades individuais e desta forma descobrem contribuições para a compreensão do processo comunicativo, interpretativo e de recepção.

No caso especial desta pesquisa, é centrada a busca da compreensão da recepção sobre o longa metragem *Olmo e a Gaivota*. Sobre como o que a narrativa traz é recebido pelas espectadoras que formam um grupo focal. Dessa forma, também faz-se necessário conhecer sobre a temática da narrativa deste longa metragem, o mito da maternidade.

Para realizar esta análise qualitativa, optou-se pela metodologia da entrevista em grupo focal que foi composto por um grupo de mulheres grávidas e que aqui poderemos chamar também como cine fórum, terminologia usada nos estudos de recepção de Lazarini (2005) e Costa (2007, p.18) e que compreende o momento de exibição do filme seguido pela discussão dos temas referentes à obra em estudo.

A escolha da metodologia do grupo focal partiu da necessidade do objetivo da pesquisa de recepção, onde se busca compreender percepções, sentimentos e ideias a respeito do objeto de estudo. Nos encontros de grupo focal há a possibilidade de coletar um material discursivo e expressivo dos participantes.

Este modelo de pesquisa com grupos focais é adotado em pesquisas mercadológicas desde 1950, mas só a partir de 1980 pesquisadores de áreas diversas começaram o uso desta em pesquisas acadêmicas. Grupos focais “[...] É um recurso que possibilita uma pesquisa qualitativa, por meio da qual se obtêm dados que ajudam a entender a relação dos atores sociais com o contexto a qual fazem parte.” (COSTA, 2007, p.18).

Para a realização do grupo focal, que chamaremos aqui de cine fórum, é necessário que o pesquisador pense de antemão em um roteiro semi estruturado com os assuntos que entrarão em discussão. Desta forma, o pesquisador consegue focar melhor o seu objetivo, evitando perde-lo de vista. Costa (2007, p.18) nos afirma esse ponto e continua dando mais diretrizes sobre esta metodologia,

O grupo focal é uma proposta de entrevista semi estruturada em que o pesquisador pode lidar com informações mais subjetivas e com maior riqueza de detalhes. Para a execução da entrevista é necessário um planejamento prévio para se elaborar uma pauta de temas para a discussão. O importante nesta fase é identificar o objetivo da pesquisa para não perde-lo de vista. Antes da execução da entrevista, o objeto deve ser exposto ao grupo participante.

Por ser semiestruturada, o grupo focal deixa em aberto uma margem para elementos imprevisíveis que na maioria das vezes acontecem e ajudam o pesquisador a compreender melhor os participantes do grupo e também coloca em cheque seu ponto de vista predefinido antes do encontro do grupo. Essa margem para o inesperado enriquece a pesquisa e traz novas perspectivas a pauta da discussão. Outro ponto positivo da realização do cine fórum é a possibilidade da interação entre os participantes do grupo, como nos diz França (2003 apud COSTA 2007, p. 19)

Os grupos servem também para ampliar os processos criativos e inconscientes do discurso, porque possibilitam que surjam emoções, cognições, valores e hábitos comuns e individuais que permitem a recriação de um micro universo sociocultural com sua contextualização histórica.

Buscando criar um perfil socioeconômico básico para as participantes e perceber inicialmente como cada uma delas respondia a questões sobre a temática do filme e do debate, foi escolhido também o uso de um questionário.

Partindo dessa perspectiva, chegamos as necessidades iniciais para a realização deste trabalho: formação de um grupo focal, construção de um questionário específico e de um roteiro para o momento do encontro para o cine fórum.

3.1 Construção do grupo focal

A escolha do recorte para o grupo focal partiu das questões e discussões trazidas no filme escolhido para o estudo de recepção, o *Olmo e a Gaivota*. Como veremos na análise do filme, o foco principal dessa obra cinematográfica está nos seguintes elementos: a vida, as questões existenciais, os medos e mudanças e as pressões sociais que ocorrem com a mulher durante o período da gravidez. Então qual grupo melhor para falar desta problemática do que as próprias grávidas? Além deste recorte foram escolhidos os seguintes critérios: residir em João Pessoa e estar em período gestacional

acima de três meses. A idade das participantes e o número de experiências com a maternidade também não foram critérios, porém esses fatores foram considerados com grau de importância na análise. Delimitado o recorte, passei para a busca das participantes.

Optei por não recorrer a Unidades Básicas de Saúde (UBS) ou Maternidades devido a dificuldade para obter a documentação necessária para conseguir entrar em contato com as pacientes destes locais. Tendo isso definido, decidi buscá-las na rede social Facebook. Escolhi esta rede social pela sua facilidade de compartilhamento de informações, pelo uso de várias pessoas e pela facilidade de criar conexões. Sendo assim, publiquei no meu perfil pessoal uma chamada explicando meu trabalho e convidando as pessoas do meu círculo social a marcarem e me indicarem colegas que estivessem grávidas durante o período da pesquisa. O efeito da publicação foi imediato. Os amigos do meu círculo social começaram a marcar colegas grávidas e também doulas¹ que conheciam grávidas a me indicar. Entrei em contato através do Facebook com todas as indicadas expliquei como seria meu trabalho e as normas de ética que seriam seguidas. De imediato doze mulheres se colocaram a disposição para participar do encontro do grupo focal, mas devido a incompatibilidades de horários e diversos imprevistos apenas uma compareceu a primeira tentativa e quatro estiveram presentes no segundo encontro que foi o que validou esta pesquisa.

A rede social Facebook foi de extrema importância para a realização deste trabalho e para que a metodologia escolhida obtivesse sucesso. Só por meio desta rede social consegui encontrar as participantes do grupo focal e visualizar, de antemão, o possível perfil socioeconômico delas.

Após definida as participantes, foi escolhido o dia, horário e local para a primeira tentativa de realização do cine fórum com as grávidas e foi feito o questionário e o roteiro para o encontro.

3.2 Construção do Questionário

Para construir o questionário parti dos três pontos que guiam esta análise de recepção: mito da maternidade, domínio do corpo da mulher e paternidade. Além disso,

¹ A doula é uma profissional treinada para servir a mulher durante o ciclo gravídico-puerperal. A função da doula é fornecer apoio emocional, físico e informativo à gestante.

questões para formar um perfil socioeconômico das participantes também foram colocadas no questionário. Desta forma, o questionário ficou composto de 22 questões, com perguntas abertas e fechadas.

Todas as questões foram colocadas de forma direta na tentativa de já, a partir do questionário, começar a criar uma relação de confiança para o momento do debate que viria logo em seguida ao preenchimento dos questionários.

3.3 Realização do Cine Fórum

Para primeira tentativa, o local escolhido foi o Auditório do Sesc Centro - João Pessoa, no turno da noite. Este local foi escolhido por ter uma fácil localização e por ser um ambiente neutro para todas as participantes.

Marcado para as 18:30h, do dia 1 de setembro de 2016, encaminhei tudo para conseguir chegar às 18h. Comigo levei uma amiga para me ajudar na coleta de dados, na logística e na observação e também um lanche que preparei para ser servido após a exibição. Começando por volta das 19h, o encontro aconteceu com alguns problemas técnicos e seus detalhes serão contados no capítulo seguinte.

Ao fim da primeira tentativa, que só contou com a presença de uma grávida, e acabou transformando o cine fórum em uma entrevista em profundidade, percebi que seria necessária a realização de mais um encontro. E logo após o fim da entrevista em profundidade com a participante do primeiro encontro, já comecei a organizar a segunda tentativa.

A única participante desse primeiro encontro me contou que no condomínio onde mora havia algumas grávidas e que ela poderia me passar o contato e dessa forma tentar um encontro no salão de festas do condomínio delas. E assim o segundo encontro foi sendo planejado, totalmente com o apoio da primeira participante.

Para o segundo encontro, o foco foi fazer com que as grávidas que residem no condomínio aceitassem a minha proposta de participação. Não que eu houvesse abandonado as primeiras que se colocaram a disposição, mas algumas foram deixando de responder minhas mensagens e outras não tinham compatibilidade de horários com a nova data e hora escolhida. Então, a melhor saída era fazer com que as possíveis participantes, já moradoras do condomínio, aceitassem minha ideia. Dessa forma, o

grupo do segundo encontro ficou formado com três participantes que residem no condomínio e uma participante que não reside lá, garantindo assim a presença de quatro grávidas.

Depois de confirmar o grupo, parti para decidir as questões práticas e de logística com o apoio da primeira participante. É claro que mesmo com a disposição dela em me ajudar eu estava sempre atenta ao fato de que ela também era participante do grupo focal da minha pesquisa e que em determinados pontos ela não poderia auxiliar. Assim sendo, seu auxílio ficou restrito ao apoio na logística no dia do encontro e na busca por novas participantes para o grupo.

O segundo encontro ocorreu no dia 15 de setembro de 2016 no salão infantil do condomínio Fit Jardim Botânico, no bairro da Torre, às 19h. Nesse encontro levei novamente um lanche e uma colega comigo, os problemas de ordem técnica não existiram, mas após iniciado o cine fórum mudamos o local de exibição para dar mais conforto às participantes e acabamos por fazer parte da exibição no apartamento de uma das delas.

Junto a esses momentos dos encontros, comecei a pensar quais os nomes fictícios seriam adotados para as participantes, tendo em vista que segundo as normas de ética adotadas por este trabalho e previstos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as participantes teriam seus nomes trocados por nomes fictícios. Para esses nomes escolhi como critério nomes de flores que me lembrassem características das participantes, como a doçura, a força e o tom de voz delas. Ao final das tentativas de encontros os nomes escolhidos foram: Amarílis, Lírio, Tulipa e Cravo Branco.

4 OLMO E A GAIVOTA: O FILME

Também se faz necessário conhecer o longa metragem que moveu todos esses questionamentos, o filme *Olmo e a Gaivota* (2015). *Olmo e a Gaivota* nos fez mergulhar em um universo que nos parece comum, mas que na realidade é cheio de singularidades e subjetividades: a maternidade. Mergulhamos nesse mar sendo guiados por uma nova perspectiva. Uma perspectiva feminina que raramente encontramos no cinema ou na literatura.

Esse olhar feminino se inicia no roteiro que foi construído pelas, também diretoras, Petra Costa (Brasil) e Lea Glob (Dinamarca) com a colaboração do casal de atores Olívia Corsini e Serge Nicolai.

Petra que teve seu filme de estreia, *Elena*, aclamado pela crítica, chega agora com o apoio da Lea Glob, na direção, e do Tim Robbins, na produção executiva, com outro sensível e simbólico filme que novamente foi aclamado pela crítica. Em *Olmo e a Gaivota* elas entram na vida do casal de atores do Theatre du Soleil, Olivia Corsini e Serge Nicolai em um momento conturbado e revelador para qualquer casal e em especial para qualquer mulher, a gravidez.

Indo além dos clichês e das formas comuns de se fazer cinema e da forma que a gravidez é contada na sétima arte, eles nos trazem um filme que transita entre os gêneros da ficção e o documentário. Uma maneira híbrida de fazer cinema que consegue cativar o espectador de maneira diferente e permeá-los de forma mais completa. Gerando também no espectador dúvidas sobre onde há veracidade ou não na narrativa. Petra e Lea constroem esse caminho narrativo tendo como base os monólogos que Olívia, protagonista do filme, gravou em seu diário de áudio durante o período da gravidez que também foi o de parte das filmagens.

Com essa nova perspectiva e essa ousada maneira de construir uma narrativa, o que chega até nós como resultado final é um filme com um novo olhar sob a maternidade. Um olhar que podemos chamar de maternidade real, a maternidade sem todos os encantamentos, misticismos e ilusões que estamos acostumados a ver, mas com todos os medos, angústias e dúvidas que a mulher vive durante esse período de criação. Digo criação não só pela nova vida que vem surgindo, mas também a criação da mulher que agora será mulher-mãe. Sendo todos esses questionamentos e visões verdadeiras, porém pouco aceitas pela nossa sociedade.

Durante o percurso da narrativa na qual acompanhamos Olívia nos nove meses de gestação, vamos descobrindo sobre ela, sobre o que é ser mulher na sociedade atual e também sobre tudo que a maternidade pode trazer nos âmbitos físicos, emocionais e sociais. E mais, conseguimos nos questionar sobre tudo isso.

Para Olívia a vida é feita pela sua arte e seu trabalho: o teatro. Mas toda sua vida começa a se reconstruir após o anúncio da gravidez para a sua Cia de Teatro (Theatre du Soleil) que agora deslanchará sem ela, mas com seu marido, com a peça *A Gaivota* (Tchekov) em uma turnê por Nova York e Montreal. Além da imposição do afastamento do seu trabalho por parte da Cia, uma complicação na gestação a obriga a ficar em casa e de repouso absoluto. E é dentro desse estado de repouso corporal, mas de efervescência de vida, que os questionamentos sobre a vida, o ser mulher, o ser gestante e o ser mãe aparecem a todo vapor e nos é colocado cena após cena.

De maneira geral, ela se vê em um lugar desconhecido e recheado de incertezas e medos. O medo de envelhecer, o medo da loucura, o medo da perda, o medo de ser mãe e o medo de tudo aquilo que está por vir juntamente com a maternidade e com o pequeno Olmo. E junto a todos esses medos, Olívia ainda sente toda a pressão que a sociedade, com seu enraizado mito da maternidade, coloca sobre as mulheres mães e a solidão que o afastamento do trabalho lhe causam cotidianamente nesse tempo de gestação e de recriação.

Acompanhamos a construção de uma mãe. E ao mesmo tempo acompanhamos o quão difícil é essa construção. O quanto a sociedade com o seu mito da maternidade cobra da mulher neste momento tão delicado e mutável. Uma cobrança que se sobressai a realidade da maternidade e cria padrões corretos e errados a se seguir, por mais que estejamos falando de algo totalmente subjetivo e individual.

Paralelamente a todas essas questões, também nos é mostrado como socialmente é mais “simples” e menos “conflituoso” ser pai. Como conseguimos distinguir facilmente em uma das últimas cenas, quando Serge é questionado sobre como é ser pai e responde que ainda não sabe, mesmo já tendo passado os nove meses da gravidez. Também percebemos o como nos parece comum a interferência da sociedade no corpo e na vida das grávidas, como da forma que nos é mostrado na narrativa na penúltima cena antes do nascimento do Olmo.

Em Olmo e a *Gaivota* conseguimos perceber os papéis sociais de gênero que a sociedade nos impõe a todo instante e especialmente, neste caso, no momento de uma

gravidez e também nos damos conta de que a realidade sobre a vivência da gestação e da maternidade sempre nos foi romantizada pela mídia e demais instituições sociais. Olhar com novos olhos para todos estes locais pode nos trazer estranhamento, mas enxergar a realidade com mais clareza inclusive nas suas subjetividades certamente nos levará a um pensamento social mais humano e compreensivo.

5 OLMO E A GAIVOTA: CONSTRUINDO UMA ANÁLISE DE RECEPÇÃO

Na primeira tentativa de encontro, comecei a exibição do longa metragem por volta das 19:10h com apenas uma participante presente. Esperei cerca de trinta minutos pela chegada delas e ao entrar em contato acabei descobrindo que apenas uma viria, a Amarílis.

Amarílis tem 31 anos, é professora, evangélica, pós-graduada, casada e teve seu primeiro filho três anos atrás. Sua família tem a média salarial de R\$: 8.000,00 encaixando-se na classe social B de acordo com os padrões de classes sociais estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)². Ela tem um marido participativo, que mora com ela e partilha as expectativas e medos da gravidez e a acompanha no pré-natal. No momento do encontro ela estava no 4º mês desta segunda gestação que foi planejada por ela e pelo marido.

Com a chegada de Amarílis ao Sesc, esperei mais uns cinco minutos e comecei a exibição. Deixei que ela se sentisse bem à vontade e me coloquei como observadora do momento. Durante a exibição, percebi que ela estava bastante concentrada e em alguns momentos esboçava a reação de quem concorda com aquilo que está sendo exibido. Com mais da metade do filme já exibido, começaram a aparecer falhas na exibição. Inicialmente foram pequenas falhas que não me preocuparam muito, pois eu tinha outra cópia do filme e rapidamente fiz a troca na esperança que tudo normalizasse. Mais alguns minutos de filme e novas falhas na exibição começaram a acontecer e novamente troquei de cópia de filme, mas infelizmente de nada adiantou. Tendo em vista que permanecer nesse troca - troca de nada adiantaria, resolvi parar a exibição e contar a Amarílis as situações que acontecem nas duas últimas cenas e começar nossa entrevista sobre a recepção dela com *Olmo e a Gaivota*.

Como nesta primeira tentativa apenas Amarílis esteve presente, ao invés de um debate fiz uma entrevista em profundidade com ela. Comecei perguntando sua opinião sobre o filme, queria saber a sua visão sobre a narrativa e a relação do que estava sendo mostrado no longa com a sua experiência real da maternidade.

Ela começou me contando sobre o quanto gostou filme e sobre como ele traz a tona uma face real da maternidade:

² Padrões disponíveis em: <<http://www.datosmarketing.com.br/listas-detelhes-classes-sociais.asp>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

Esse filme traz o lado o que vai além da beleza da maternidade que tantos dizem por aí ser um momento mágico, a mulher gerando uma vida, etc... Traz a vida de uma mulher normal, em crise que tinha uma vida totalmente dinâmica e que agora se viu presa em prol da saúde do filho (Amarílis, entrevista à pesquisadora 01/09/2016).

Neste momento percebi que ela já estava bem a vontade e que me contaria sobre sua experiência com a gravidez, a maternidade e também me colocaria a par de sua recepção sobre o filme.

Em seguida, ela começou a me contar sobre a gravidez do primeiro filho, há três anos atrás, durante o curso de sua pós-graduação.

Na gravidez do meu primeiro filho, vivi uma situação parecida com a da protagonista. Eu estava no meio da minha pós-graduação, era recém casada e de repente veio a bomba da gravidez. Eu fiquei pensando se daria conta de tudo, fiquei pensando no que a orientadora ia dizer... mas aos poucos eu fui aceitando. E depois de ir pra primeira ultrassom e ouvir as batidas daquele coraçãozinho eu me apaixonei. Mas não é um período nada fácil (Amarílis, entrevista à pesquisadora em 01/09/2016).

Embora eu ainda estivesse tensa, cada vez mais fui percebendo que ela se sentia livre para falar comigo sobre essa temática e logo perguntei sobre sua identificação com o discurso sobre os medos e angústias sobre a gravidez e a maternidade que o filme traz. De imediato ela me conta que de todos os medos que Olivia sente na narrativa, o medo do futuro e do que virá com o filho foi o mais presente na sua primeira gravidez. “Sempre me contavam o quanto seria complicado quando meu menino chegasse. Noites sem dormir, correria, etc. Mas eu só soube de verdade quando ele chegou. Eu pensava: Meu Deus como é difícil! Mas no fim deu tudo certo.” (Amarílis, entrevista à pesquisadora em 01/09/2016)

Fui caminhando para as questões sobre esta sua segunda gravidez. Sobre o que mudou entre a primeira experiência e esta segunda experiência, no físico e no emocional. Emocionalmente esta segunda gravidez vem sendo mais tranquila, me relata Amarílis,

Já é mais calmo ouvir o coração do bebê, já são mais calmas as expectativas, pois eu já sei mais ou menos o que vem pela frente. E agora tudo está passando muito rápido! Todos já me diziam que a segunda gravidez passa rápido e agora eu estou comprovando isso (Amarílis, entrevista à pesquisadora em 01/09/2016).

Entrando nessa ideia da interferência das opiniões alheias na vida da mulher-

mãe, pergunto-lhe sobre como ela conviveu com isso e agora convive novamente. Assim como em uma das últimas cenas do longa, onde Olívia é bombardeada por opiniões alheias sobre sua gravidez e sobre a maternidade e suas dificuldades, Amarílis me conta que essa chuva de opiniões acontece sim e que de acordo com a evolução da gravidez, o nascimento e o crescimento do filho elas pioram.

Todos chegam pra dá pitaco. O bebê chora e eles dizem: é isso, faz aquilo... Mas eu acredito que a mãe é a pessoa que mais conhece seu filho. Só nós iremos saber e sentir o que se passa com ele. Vamos errar algumas vezes, mas vamos encontrar um ritmo que é só nosso (Amarílis, entrevista à pesquisadora em 01/09/2016).

Dentro desse nosso papo sobre a construção da relação mãe e filho, perguntei se há uma fórmula mágica para ser mãe ou uma receita a ser seguida. “Não há fórmula para ser mãe. Aprendemos no dia a dia e errando. A gente vai fazendo as coisas e vai vendo que vai dando certo. Vai vendo o menino crescer forte, saudável e rodeado de amor, aí vemos que tudo deu certo.” (Amarílis, entrevista à pesquisadora em 01/09/2016)

Assim como no filme, a questão da paternidade não foi deixada de lado na entrevista em profundidade com a participante. Ela me contou que vem percebendo uma mudança positiva no que é ser pai, e na sua família seu marido sempre se colocou num local prestativo, atento e participativo, “Meu marido reclamava quando não o acordava no meio da noite pra cuidar do nosso bebê.” (Amarílis, entrevista à pesquisadora em 01/09/2016)

Assim como Olívia se vê transformada após o nascimento de Olmo, Amarílis também se viu transformada após o nascimento do seu primeiro filho há três anos. Uma transformação que vai além do físico, que está entrelaçada também às instancias psicológicas e sociais, fala que afirma o que Badinter (1985) havia descoberto em suas pesquisas. Amarílis continua seu relato e me diz que a partir da chegada do pequeno é impossível pensar só em si, que a vida agora é muito mais em prol dele do que de si mesma.

Na narrativa, Olívia entra em um certo estado de pânico quando todos resolvem fazer comentários e dar opiniões sobre a sua gravidez ou sobre a maternidade de uma forma completa. Amarílis declara que reage diferente de Olívia. Diz que escuta tudo isso sem se importar muito e sem se deixar abalar com essa intromissão em sua vida privada diz ela: “Escuto os comentários, deixo alisar minha barriga, deixo falarem sobre como será o futuro, mas na verdade eu relevo tudo isso. Não me aborreço. Estou apenas

curtindo esse momento e essa oportunidade que Deus me deu de gerar mais uma vida.”
(Amarílis, entrevista à pesquisadora em 01/09/2016)

Vendo que toda essa nossa entrevista contemplava todos os aspectos do filme e da pesquisa, percebi que estava indo no caminho certo. Entretanto havia a necessidade de realizar uma segunda tentativa de encontro onde o grupo focal fosse maior e onde houvesse mais que uma entrevista, mas um debate. E como foi relatado no percurso metodológico, Amarílis se colocou de prontidão para me ajudar na preparação desse segundo encontro. Com a total ajuda dela consegui articular para que o segundo encontro acontecesse no condomínio onde ela mora, o Fit Jardim Botânico.

5.1 Segundo encontro

O segundo encontro aconteceu no dia 15 de setembro de 2016 no condomínio onde reside Amarílis, como foi relatado no percurso metodológico. Nesse encontro, ela e mais três grávidas estiveram presentes, sendo elas: Lírio, Tulipa e Cravo Branco.

Lírio tem 31 anos, é servidora pública, católica, tem o ensino superior completo, casada e teve seu primeiro filho seis anos atrás. Sua família tem a média salarial de R\$: 7.000,00 encaixando-se na classe social B segundo os critérios do IBGE. Seu marido mora com ela, é presente e partilha as expectativas e medos, acompanha no pré-natal e divide as despesas do enxoval com ela. No mês do encontro ela estava no quarto mês dessa segunda gravidez que foi planejada.

Tulipa tem 26 anos, é doula, cristã mórmon, seu grau de escolaridade é o ensino superior incompleto, casada e o nascimento do seu primeiro filho foi dois anos atrás. A média salarial da sua família é de R\$: 2.000,00 encaixando-se na classe social D. Nesta segunda gravidez, que foi planejada, seu marido é presente, mora com ela, divide os medos e expectativas e a acompanha no pré-natal. No mês do encontro do grupo focal ela estava com sete meses de gestação. Tulipa é a única participante que não reside no condomínio onde foi realizado o encontro.

Cravo Branco tem 32 anos, é fisioterapeuta, é da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, possui ensino superior completo, casada e essa é sua quarta gravidez. No mês do encontro ela estava no sétimo mês desta quarta gravidez que aconteceu de forma não planejada. Sua família encaixa-se na classe social B com a média salarial de R\$: 8.000,00. Seu marido é presente na gestação, mora com ela,

partilha os medos e expectativas e divide as despesas do enxoval.

Agora que já conhecemos todas as participantes, podemos seguir para o relato de tudo que aconteceu na exibição.

Como havia sido combinado, encontrei com elas no salão de festas do condomínio. Com todas já presentes, percebemos que não seria nada confortável ficar 1h e 27 min e o tempo do debate naquele espaço, pois havia apenas banquetas e almofadas no chão e em nenhum desses lugares seria confortável para as participantes ficarem sentadas por muito tempo, então saímos de lá para o espaço infantil do prédio e lá comecei a exibição sem grandes problemas e com elas bem acomodadas desta vez em um sofá.

Como este filme era desconhecido para todas, percebi que já de imediato elas imergiram na atmosfera do longa. Todas estavam bem atentas no começo da exibição. Apenas Amarílis que já havia assistido o filme e precisava colocar seu pequeno para dormir, teve que se ausentar em parte da exibição.

Em certo momento, percebi que a Lírio estava ficando incomodada e impaciente. Pouco tempo depois que percebi isso, ela pede para realizar uma pausa no filme e me explica que estava com muito calor e por isso estava tão incomodada. Com isso tento ajustar o ar condicionado para uma temperatura mais agradável, entretanto a melhor temperatura que consegui ainda não era agradável pra ela. Sendo assim, ela sugeriu que continuássemos a sessão em seu apartamento. Todas concordaram e seguimos para seu apartamento. No caminho do salão para o apartamento percebi que elas já estavam bem entrosadas. Perguntavam em que período gestacional estavam, conversavam sobre o parto, sobre suas médicas, sobre a maternidade por completo e percebi que o debate após a exibição tinha tudo pra fluir de maneira positiva. Chegando ao apartamento da Lírio encontramos com seu marido e seu filho mais velho que logo foram para o quarto e permaneceram em casa durante toda a exibição. Arrumei meus equipamentos na sala de seu apartamento e recomeçamos a exibição com todas bem acomodadas no sofá, com as portas abertas e ventiladores ligados tornando assim a temperatura ambiente agradável.

Estive com elas durante toda a exibição e estive sempre atenta a todas as reações que elas expressavam. Em vários momentos elas sorriam e soltavam um: “É assim mesmo!” diante de algumas situações que Olívia passa ao decorrer da narrativa, como, por exemplo, quando ela precisa que Serge (seu marido) calce suas botas ou quando ele

não compreende que o trabalho que só ela faz (de gerar o filho) é um trabalho pelo dois. Além dessas reações, elas ficavam bem centradas quando Olívia mergulhava em seus monólogos existenciais. Também durante a exibição, era notório que a Lírio era a mais cansada no grupo, tanto que não aguentou e em certo momento tirou um pequeno cochilo. Perto do fim da sessão, Amarílis retornou ao nosso grupo e terminou de assistir conosco.

Com o fim do longa, deixei que elas se espreguiçassem um pouco e em seguida comecei nosso debate.

Comecei questionando elas se haviam gostado ou não do filme e se elas se sentiram representadas na narrativa, o silêncio pairou por alguns segundos, mas Cravo Branco quebrou o gelo começando uma fala sobre o como a maternidade prende e muda a vida da mulher “Quando o primeiro filho nasce é uma mudança muito radical, você fazia tudo, tinha uma vida independente, saía pra onde queria, mas agora você tem um ser que depende de você e isso muda tudo”(Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016). No filme ela viu esse sentimento representado quando Olívia expõe que se sente presa.

Cravo continua falando sobre essa prisão subjetiva que a maternidade traz: “Você começa a se restringir de algumas coisas e os amigos que ainda não tem filhos não entendem essa sua nova vida e de certa forma você se sente presa a uma nova vida.” Ela continua nos falando sobre como o primeiro filho é a transição e sobre como a chegada do segundo filho é bem mais calma, “Antes da chegada do primeiro filho você tinha vida própria, mas quando o bebê nasce tudo muda. Você não tem mais vida própria, todas as prioridades mudam... A prioridade relativa a nós (mães) passa a ser a última e se tivermos que nos esquecer delas, nós nos esquecemos também.” (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

E ela segue: “ É uma mudança repentina. Não uma mudança ruim, mas é muito rápido como tudo acontece e muitas vezes nos leva a essa sensação de estar presa.” (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Depois do gelo inicial quebrado pela fala de Cravo Branco, percebo que as outras já se sentem bem mais a vontade para expor suas falas. A seguinte a falar é Amarílis:

Desde que meu primeiro filho nasceu eu não faço mais meus horários. Estou sempre na necessidade de alguém ficar com ele para que eu possa resolver minha vida. Eu sinto muita falta da minha liberdade, de poder ir pra onde eu quiser ou precisar sem ter essa dependência de conseguir alguém pra ficar com meu filho. (Amarílis, depoimento

em grupo focal realizado em 15/09/2016).

E a partir dessas falas tudo começou a fluir como em um bom bate papo. Tulipa segue com o nosso bate papo:

A verdade é que a maternidade muitas vezes é solitária. E vimos Olívia assim quase que o tempo todo. Era ela, com os conflitos internos dela, com os hormônios a flor da pele e tudo mais. E o pior, ela não era compreendida. Então o filme retratou muito bem essa solidão que em parte nós vivemos também. [...]Somos nós com os filhos e só as vezes quando o companheiro entende seu papel de pai as coisas facilitam um pouco, mas ainda continua sendo um fardo. Muitas vezes nos sentimos sobrecarregadas, queremos sair e ao menos olhar esse mundo que a gente perdeu. (Tulipa, depoimento em grupo focal realizado em 15/09/2016)

As outras participantes concordam com a colocação de Tulipa e reafirmam que o peso maior da responsabilidade sobre os filhos recaem sobre a mulher-mãe, independentemente de ter um homem-pai participativo ou não. E Amarílis completa: “Meu marido me ajuda muito, mas quem teve que reorganizar toda a vida e ajustar ela as necessidades que o bebê tem fui eu.”(Amarílis, depoimento em grupo focal em 15/09/2016). Falas estas que afirmam o que Badinter (1985, p.353) também encontrou nos relatos que usa como fonte de sua pesquisa. Relatos este que foram encontrados nos escritos de Madame Guitton e nas pesquisas realizadas pelas revistas francesas *France Magazine* e *Cosmopolitan* ainda em meados de 1978. Onde as participantes das pesquisas destas revistas já expressavam, ainda com enorme culpa, o real peso da maternidade na vida da mulher, a insatisfação na criação solitária dos filhos e o começo da aceitação da desvinculação da maternidade à feminilidade e a felicidade feminina plena.

Depois disso comecei a questioná-las sobre as expectativas que elas traziam sobre a maternidade e sobre como foi essa experiência real e aí Lírio foi quem se colocou para falar:

Eu achei o filme interessante por isso, ela (Olívia) traz um discurso que as pessoas pensam que a mulher grávida é proibida de falar. Proibida de falar que se sente feia, que se sente gorda...É isso que a sociedade cobra de nós. Que sempre estejamos lindas, felizes, sem reclamações... mas a verdade é que essa loucura de hormônios nos deixa triste, chateada, se sentindo feia e tantas outras coisas. [...] No caso dela (Olívia) tudo isso foi muito mais intenso porque ela foi obrigada a parar de trabalhar, o que também era o projeto da vida dela. E aí a carga depressiva foi ainda maior. No meu caso eu não tive que me afastar durante a gestação, mas depois do fim da licença

maternidade que eu juntei com mais um mês de férias eu já estava com vontade de voltar a minha rotina de trabalho. Não que eu achasse ruim está com meu filho, mas eu queria voltar. Eu sinto que não nasci pra ser integralmente mãe. Eu gosto de estar com meu filho, mas gosto de trabalhar e tenho projetos de vida que não incluem somente meu filho e esse outro filho que está a caminho. (Lírio, depoimento em grupo focal em 15/09/2016)

Assim como na narrativa, todas reafirmam que a sociedade impõe cobranças, obrigações e valores a todas as mulheres quando elas estão grávidas e se tornam mães. Sobre esse aspecto do debate, Tulipa toma a frente e nos relata que antes de se tornar mãe ela pensava que o universo materno era feito de flores quase o tempo inteiro e que ela criava um universo romântico sobre a maternidade e que quando se tornou mãe e viu a verdadeira face desse universo, um grande choque aconteceu:

Eu estudei sobre o período da gravidez, sobre o parto, sobre a amamentação, mas não havia visto nada sobre puerpério. Não imaginava o quanto era difícil esse momento pós-parto e ainda mais depois da experiência traumática que tive no parto do meu primeiro filho. Foi muito assustador. (Tulipa, depoimento em grupo focal em 15/09/2016)

E mais uma vez a ideia de que sobre determinados temas a mulher-mãe não pode falar vem à tona. Não se pode falar sobre a loucura e a dificuldade que é o puerpério, pois se pode assustar as futuras mães ou as recém-mães. E dentro desse tema Tulipa continua:

Eu lembro de perguntar a uma prima que já era mãe o porque dela não ter me falado sobre esse período, e ela me disse que esse é o tipo de coisa que não se fala pra uma mãe. E eu prontamente respondi que ia falar abertamente sobre isso com qualquer mãe ou grávida. É melhor já saber como vai ser. A maternidade é feita de muitos sacrifícios. É um caminho com sacrifício o tempo todo e alguns momentos bons também. Mas a sociedade acaba nos obrigando a criar uma ideia romântica da maternidade, pois tudo que a mídia faz ou fala sobre ela é assim: romantizada. (Tulipa, depoimento em grupo focal em 15/09/2016)

Nessa fala dela e que as outras participantes também concordaram, mostra-se mais uma vez a diferenciação que o *Olmo e a Gaivota* traz, um filme que não romantiza a maternidade, mas que traz um olhar verdadeiro e questionador sobre essa fase da vida da mulher. E Tulipa termina sua fala: “Apesar de tudo isso eu amo ser mãe! É o meu projeto de vida, é a melhor coisa da minha vida, é a melhor coisa do mundo inteiro! Mas é muito difícil” (Tulipa, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Aguçadas com essa fala, elas começam a partilhar suas experiências pessoais sobre a vivência com seus filhos e sobre suas dificuldades, que vão de regular o sono

dos pequenos ao período de desmame. Todas as participantes já tem um filho pequeno, apenas Cravo Branco tem três filhos pequenos. E é com uma certa autoridade de fala que ela termina essa partilha de experiências; “Depois do segundo filho tudo fica mais fácil. No primeiro a gente tem muito medo, do segundo em diante a gente se liberta um pouco mais” (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016). E o debate ainda continua a fala delas sobre como tomar as rédeas desse período tão louco da vida da mulher-mãe e como se deu a escolha da segunda gestação.

E as trago de volta para as questões do meu roteiro questionando elas sobre os medos da maternidade e sobre a existência ou não de um padrão de mãe ou qual seria o padrão de mãe que elas eram e dessa vez Lírio que começa as falas:

Eu li tudo sobre amamentação, sobre parto normal, sobre como cuidar do bebê nos primeiros dias, sobre o que podia e o que não podia, mas quando eu comecei a viver a maternidade tudo ficou diferente. Eu falava que nunca ia dar chupeta, mas bastou passar uma semana e eu liguei pro meu marido dizendo que ele só entraria em casa se trouxesse uma chupeta! Quando ele cresceu um pouquinho eu escutava muito sobre não deixar as crianças comerem na frente da TV, mas era só assistindo que eu conseguia que ele ficasse quieto pra poder dá comida a ele. E eu fui percebendo que não dá pra seguir nenhum modelo, nenhum padrão porque é no dia a dia você vai vendo o que funciona pro seu filho, que é um ser diferente de qualquer outra pessoa no mundo. Não tem como seguir um modelo, mas a sociedade fica na cobrança desse modelo, ficam perguntando por que fazemos isso ou aquilo e por que nosso filho tem tal idade e ainda não faz tal coisa... cobranças de quem não conhece o nosso dia a dia e não sabe o que funciona pra o nosso pequeno. (Lírio, depoimento em grupo focal em 15/09/2016)

Segundo nessa pauta das cobranças que a sociedade coloca nas mulheres-mães, Lírio continua:

E também nós somos muito cobradas se decidirmos trabalhar. Teve um certo período que eu estava trabalhando muito e em um dia da semana eu trabalhava os três expedientes e o povo ficava: Mas você não fica com seu filho? Você trabalha? Mas em nenhum momento eu sentia que estava abandonando meu filho. Era só um dia na semana que eu ficava longe dele e ele sempre estava com alguém da família, nunca estava só (Lírio, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Ela aproveita isso e também nos conta que vê o lado oposto, que mulheres que não trabalham e se ocupam integralmente da maternidade também são cobradas. E nessa questão sobre a cobrança social seja pra mãe que trabalha ou para a mãe que fica em casa, Tulipa faz uma colocação:

A sociedade é muito cruel. Se você trabalha, você trabalha demais e

abandona seu filho. Se você fica em casa, você mimma seus filhos, vive de dondoca sustentada pelo marido, faz dele um burro de carga que paga todas as contas... A cobrança social é muito cruel (Tulipa, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

E Lírio volta a falar sobre suas experiências sobre essa cobrança em relação a sua escolha de decidir ser mãe e trabalhar também:

Uma amiga teve bebê na mesma época que tive meu primeiro filho e eu voltei a trabalhar e ela não. Mas eu via que era como se eu tivesse que mostrar que era certo seguir trabalhando e ao mesmo tempo ela também provar que o certo era ficar em casa. Isso é uma crueldade que a sociedade faz com as mulheres, a maioria não tem essa liberdade de escolha sobre voltar ao trabalho ou não, a maioria precisa trabalhar. Mas parece que nós precisamos estar nos justificando o tempo inteiro. E esse tipo de coisa não acontece com os homens. Ninguém os questiona por terem filhos e estarem trabalhando (Lírio, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Essas falas sobre a cobrança social sobre as mulheres-mães reafirma o quão o discurso do mito da maternidade está enraizado em nossa sociedade. E que por mais que hoje em dia as mulheres possam escolher que mãe serão, a sociedade ainda as cobra para serem o oposto de suas escolhas ou para doarem ainda mais de si e de sua vida.

Dentro dessa mesma ideia da cobrança, Cravo Branco e Amarílis expõem suas opiniões.

Mas do segundo em diante tudo fica mais leve. As pessoas chegam pra falar essas coisas pra mim e eu só sorrio. Não levo nada daquilo em consideração. Muitos me criticam por eu estar indo agora para o quarto filho, mas eu não me deixo mais abalar por isso. Elas me chamam de corajosa, numa tentativa de fazer um elogio onde na verdade é totalmente mascarado de crítica. (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Eu vejo que é um amadurecimento que a gente só ganha com a experiência da vivência da maternidade. Vamos aprendendo a lidar ou a não dá moral pra essas cobranças que recaem sobre nós mães. (Amarílis, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Vejo também que quando uma mulher se torna mãe, sua vida e suas escolhas, ficam livres pra serem debatidas por qualquer pessoa. Todo mundo se acha livre, e muitas vezes no dever, de opinar sobre a vida daquela mulher-mãe.

Assim como acontece em uma das últimas cenas da narrativa, questiono as participantes sobre as opiniões que todos se acham no dever de fazer a mulheres grávidas e como elas se sentem com isso. E a Cravo Branco começa:

Quando estamos grávidas há muitos pitacos, mas nada se compara a

quando o bebê nasce. Todo mundo chega pra dá um pitaco sobre como estamos cuidando do nosso filho. As pessoas estabelecem uma regra pra sua casa, com o seu filho e dizem: você não sabe fazer nada! E o que eu vejo também é que isso acontece com toda mulher. E isso cada vez mais vai nos colocando num lugar depressivo (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

E talvez se encontre nesta falta de compreensão das diferentes maternidades uma das causas essenciais da infelicidade materna. “Não parece existir nenhuma harmonia pré estabelecida nem interação necessária entre as exigências da criança e as repostas da mãe. Nesse domínio, cada mulher é um caso particular”.(Badinter, 1985, p.17). E em seu relato Amarílis confirma isso:

Eu quase tive depressão pós parto quando meu menino nasceu. Eu fiquei muito mal mesmo. E meu marido chegava e dizia uma coisa que é verdade, ninguém no mundo compreende melhor o meu menino quanto eu. E eu segurei essa certeza e fui melhorando (Amarílis, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Seguimos adiante nosso debate e a fala da vez foi de como a mãe é esquecida após o nascimento do bebê. Cravo Branco conta:

Quando chegamos em algum lugar logo gritam: Oba! Chegou o bebê! Mas ninguém mais se dirige a nós ou nos cumprimenta. Somos esquecidas. Mas se algo não vai bem com a criança ou vai fora dos padrões esperados, nós somos lembradas e lembradas para levar a culpa, Sempre é culpa da mãe (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Ainda é reservado para mãe um lugar materno de outras décadas e ainda é jogado sob a mãe a responsabilidade de tudo sobre os filhos. E as mulheres estão cada vez mais tendo seu emocional e psicológico afetados por esse papel que não cabe mais a essa mulher-mãe de nossa sociedade pós moderna.

A conversa entre elas continua rolando e cai de novo na questão da solidão da maternidade e Lírio relata sobre a sua experiência com essa solidão:

Nos primeiros meses eu estava em Campina Grande, na casa da minha mãe, mas quando voltei pra cá eu ficava o dia inteiro sozinha com o bebê chorando. Eu ficava rezando pra que desse a hora do meu marido chegar em casa e eu pudesse conversar e saber sobre a vida que existe fora da minha casa. Eu também sentia uma necessidade enorme de voltar a trabalhar e de ver a vida que existia fora da minha casa. Eu me sentia muito só (Lírio, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Aproveitando o gancho na hora que as mulheres falaram sobre a diferença da cobrança social entre a mulher-mãe e o homem-pai, questiono sobre como acontece essa

diferença e essa cobrança na vida de cada uma. Questiono também sobre a participação de seus maridos no trabalho do cuidar dos filhos e como elas veem que se dá a consciência da paternidade neles, e Lírio é a que toma a frente da fala novamente, seguida por Tulipa:

Sabe Samara, esses dias meu marido estava olhando umas coisas na internet e viu uma promoção de um hotel em Natal pra o mês de abril. Ele ficou todo empolgado e me ligou perguntando se podia marcar. Eu na mesma hora respondi: Querido, você está esquecendo de um detalhe. Nosso bebê nasce em março. Em abril nossa vida vai tá uma loucura e nosso bebê vai ter apenas um mês. Você esquece né? Ele é presente, me ajuda em tudo, vai nas consultas comigo, mas ele se esquece que estamos grávidos. Nós (mães) contamos semanas de gestação e eles devem saber vagamente em que mês o bebê nasce (Lírio, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Pra eles a materialização da paternidade só acontece após o nascimento. Pra nós, essa materialização acontece muito antes do nascimento. Nós já sentimos o nosso bebê, já sabemos e o entendemos, mas pra eles (pais) essa compreensão só chega quando eles pegam o bebê no colo. Só ali nasce o pai (Tulipa, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

As outras participantes concordam com essa colocação de Tulipa e seguem conversando sobre como pra eles é muito mais complicado compreender o lugar do pai do que para as mulheres em compreender o lugar da mãe. Sinto na conversa por partes de algumas um tom de piedade e de compreensão por eles não conseguirem ter essa compreensão e essa ligação com o filho antes do nascimento.

No meio dessa conversa, Lírio volta a pensar sobre uma cena em especial do longa, quando, em um monólogo, Olívia fala sobre o quanto para ela ainda é muito abstrato o bebê em seu ventre. Lírio nos coloca que pra ela não teve identificação nessa cena, mas que essa cena a fez pensar sobre o que ela sentiu na primeira gravidez e o que sente agora também: “Para mim foi ao contrário. Pelo menos eu já sentia meu bebê de uma forma concreta. Sentia ele mexendo, sente a mudança no corpo e nos hormônios. E para mim isso não tem nada de abstrato.”

Lírio continua lembrando de algumas cenas do filme e relacionando com a sua vivência da gravidez. Agora ela lembra da cena onde Olívia e Serge conversam e ela fala sobre o que provavelmente teria feito naquele dia: os cílios e o fígado do bebê:

Eu também sou desse jeito. A cada semana eu vou nos aplicativos e fico olhando o que eu fiz pra o bebê naquela semana, o quanto ele já está desenvolvido. Eu vou acompanhando a cada semana como ele está. Já meu marido, nem liga pra essas coisas. Bem como o marido dela é, na cena (Lírio, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Depois disso, comecei a encaminhar nosso debate para o final. E como penúltima questão coloco em pauta a o tema do domínio do corpo da mulher. Antes de suas respostas expliquei o que aconteceu com esse filme. Devido ao vídeo promocional que foi feito antes da estreia do filme, alguns grupos religiosos de diversos lugares do país entenderam que se tratava de uma narrativa pró-aborto e com isso resolveram criar um manifesto de boicote ao filme. Após o lançamento do filme, essas questões foram dissipadas e foi compreendido que *Olmo e a Gaivota* apenas nos traz um novo e verdadeiro olhar sobre a maternidade e a gravidez. Expliquei também que minha pergunta se referia a como manter o domínio do próprio corpo durante o período da gravidez e após o nascimento. Dito tudo isso, aguardei suas respostas sobre meus questionamentos. A primeira a começar foi a Cravo Branco que nos relatou um momento que viveu logo após o nascimento da sua primeira filha:

Quando minha primeira filha nasceu, certo dia eu recebi a visita do namorado da minha irmã. E enquanto eu lavava a louça ele me perguntou se em algum momento eu esquecia que minha filha existia. E eu respondi que sim. No sentido de mostrar que a mãe não fica vinte e quatro horas pensando no filho. A mãe também tem uma vida, suas necessidades e suas individualidades. Naquele momento, eu estava lavando a minha louça e pensando em outra coisa. E ele ficou horrorizado com essa minha resposta. Mas a verdade é que a vida continua. Criamos uma nova rotina, novas prioridades, mas não é por isso que, nós mães, vamos pensar o tempo inteiro no bebê, mas algumas pessoas tem essa neurose. Eu não tive e acredito que o normal seja não ter. Nós ainda continuamos ao menos com um restinho da vida que tínhamos antes do bebê nascer. Existe uma ligação entre nós e os nossos filhos que nunca irá acabar, mas isso não significa que somos eles o tempo inteiro ou que pensamos neles o tempo inteiro. Criamos um elo com eles. E conseguimos senti-los mesmo que estejamos longe. Acho que viramos meio que um polvo, conseguimos cuidar de tudo e de todos o tempo do todo (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

E Tulipa segue a conversa sobre esse meu último questionamento:

Eu sou super a favor da amamentação, mas entendo que a amamentação é uma via de mão dupla. Porque você tá cedendo o seu seio para um outro ser. Então eu também entendo que existem mulheres que as vezes cansam de amamentar e isso é normal. A mulher tem que se sentir bem e realizada em doar parte do seu corpo pra outro ser e o bebê também tem que se sentir acolhido nesse momento. E se isso acontece, bem. Se não acontece, bem também. Uma mãe não é menor ou maior por isso e nem nós devemos criticá-las. E essa questão do julgamento é outro ponto que devemos desconstruir da maternidade. Por que muitas vezes, até sem querer, acabamos julgando muito. Nós e a sociedade precisamos entender que

o corpo é nosso e que temos a liberdade e a autoridade de dizer não (Tulipa, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Para fechar nosso debate coloco uma pergunta que me perseguia e atraia muito desde o começo da pesquisa: Quando nasce um bebê, nasce uma nova mulher? E elas me respondem quase que em um coro: “Sim! Muda tudo!” E eu tento aprofundar essa questão e descobrir o porquê de nascer uma nova mulher, o porquê mudar tudo. E Cravo Branco é quem novamente começa a responder:

Nós quebramos todos os nossos paradigmas e preconceitos. Tudo que eu dizia que nunca faria, agora há possibilidade de que eu faça. Todos os nossos pré julgamentos em relação a outras crianças também vão embora. Tudo muda! Porque a gente vai passar por todas as situações com os nossos filhos, birra, choro, noite sem dormir, tudo! Inclusive durante o processo da maternidade vamos mudando também (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Tulipa segue essa fala: “A gente se reinventa! A vida muda e nós também. A maternidade faz a gente mudar de dentro pra fora. Nos aspectos físicos e psicológicos... em tudo!” e Cravo Branco se coloca de novo na conversa “Nós passamos a ser mais tolerantes, mais alegres, mais estressadas, cansadas...” e Tulipa continua, “ Você é muito mais feliz, mas você também é muito mais aperreada, cansada, estressada, menos vaidosa...”.

E eu a partir dessas respostas, eu novamente as questiono sobre como a sociedade percebe todas essas mudanças e esse novo olhar pra vida que nasce quando nasce seu filho. Todas me respondem numa risada um tanto debochada e Cravo Branco ilustra com uma experiência sua como a sociedade se coloca com essas mudanças:

Quando eu só tinha dois filhos, uma amiga que não tinha nenhum filho me perguntou por que eu não fazia as unhas. E eu prontamente respondi: Querida, você só vai me compreender quando tiver seu primeiro filho. O tempo passou e teve seu primeiro filho e eu fui lá visitar ela. A primeira coisa que ela me disse foi que compreendia porque eu não fazia as unhas. Sabe Samara, a gente tá te contando tudo isso e percebemos a sua vontade de compreender nossas falas, mas você só vai saber de fato sobre tudo que falamos quando você for mãe. [...] Claro que pra você a experiência da maternidade vai acontecer de forma diferente da que acontece pra nós, mas quando você tiver um filho, ali na hora do parto quando ele chorar, você já vai sentir que tudo mudou e que não tem mais volta. Nasceu, mudou. A mulher entra na sala de parto de um jeito e sai de outro (Cravo Branco, depoimento em grupo focal em 15/09/2016).

Percebo que já tinha tudo que eu precisava e encerro nosso debate. Mas elas

continuam conversando sobre suas vivências maternas, sobre seus filhos, sobre gravidezes e partos. Percebo que o clima bom que achei no começo da conversa continuou até o momento delas irem pra casa. Eu começo a servir o lanche que tinha levado comigo e a conversa continua fluindo entre elas. Conversamos mais um pouco sobre diversas coisas e nos despedimos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passado a realização do cine fórum e após escutar bem as colocações das participantes, percebi que, pelo discurso do filme, algumas questões foram reacendidas nelas e que a partir dessa narrativa suscitou-se nelas a vontade e a liberdade de expor suas vivências junto a maternidade.

Com a livre explanação delas sobre as temáticas que envolvem esse trabalho, pude tirar conclusões bem específicas para esse estudo de recepção. É importante relembrar os temas que moveram este estudo de recepção: mito da maternidade e o domínio do corpo da mulher.

Analisando de uma forma geral a fala das participantes dentro desses três grandes temas consegui perceber que o longa *Olmo e a Gaivota* criou uma representação bem próxima da vivência da maternidade das quatro participantes do grupo focal. Por mais que a narrativa nos traga a vivência da maternidade por uma mulher europeia, as participantes dos cine fóruns se emocionaram e conseguiram se identificar com as situações vividas pela mulher da trama. Desta forma, também houve uma compreensão mais profunda dos questionamentos de Olívia.

Como toda a narrativa de *Olmo e a Gaivota* foi baseada em monólogos e situações reais relatadas pela própria Olívia em diários de áudio que ela fez durante a gestação, o roteiro chega bem próximo dos medos, anseios e dúvidas que as participantes relataram no cine fórum. Criando um universo de identificação, compreensão e relação de afeto com a narrativa.

Outro fator que colaborou para a identificação, aproximação, questionamentos e para o debate foi o fato da narrativa nos colocar a gestação e a maternidade sob um olhar mais real do que estamos acostumados a ver nas narrativas cinematográficas e em outros produtos da mídia. Desta forma, a ousada construção da narrativa se mostrou bastante eficaz para o que se propunha. A tentativa das diretoras Petra Costa e Lea Glob de construir uma narrativa mais próxima do real da vivência das mulheres enquanto geram uma nova vida parece que foi feita com sucesso.

Como o grupo foi formado por participantes das classes sociais B e C, e que possuíam um grau elevado de escolaridade, elas já traziam certas críticas e compreensões sobre o mito da maternidade e o filme as fez fortalecer esse olhar. É claro que nem todas situações elas vivenciaram fielmente como acontece na narrativa, mas

coisas como a solidão que Olívia vive, o certo desprezo que Serge tem por não compreender esse período da vida da mulher, a dor de ter que deixar parte de sua vida pela vida de outro ser e a grande interferência que a sociedade coloca na sua nova vida de mulher-mãe é possível ver muito presente em seus relatos.

Foi possível perceber também o quanto elas sofrem, se doam e amadurecem nesse universo materno. O quanto elas se transformam assim como Olívia se transforma, e o quanto a maternidade muda para sempre a vida da mulher e a compreensão do que é ser mulher.

Considero como um dos resultados mais importantes do filme o fortalecimento da necessidade de repensar a questão do mito da maternidade na nossa sociedade, nos produtos comunicacionais e na forma como ele afeta a vida e a maternidade de cada mulher. A maternidade não é só flores como nos mostram na TV, na maioria do tempo. A maternidade é árdua, é doação, é subjetividade e construção. E o trabalho da comunicação é de levar um produto de fantasia e entretenimento, mas também nos trazer situações mais próximas do real. Para desta forma criar relações de identidade com a mídia e ajudar a construção e reconstrução dos papéis sociais.

É claro que, como acontece com a maioria dos estudos de recepção, estes resultados não podem ser generalizados. E a grande limitação de participantes neste grupo focal também pode ser considerado como um fator determinante para esses resultados.

Durante todo o encontro do cine fórum, também consegui perceber o quanto a experiência da maternidade teve interferência na construção da recepção, a exemplo de Cravo Branco, que é a única que já estava na 4ª gestação, e quem falava com mais domínio de todas as questões do filme. Foi ela também a participante que olhou para a situação de Olívia com o maior grau de identificação e a única que relatou sem pudores que estar grávida interferiu diretamente nos afazeres de sua vida.

Ao fim de toda a análise e de toda a construção deste trabalho, percebeu-se o quanto também seria valioso a realização de um segundo momento com as participantes. Entretanto, essa percepção se deu já nos últimos dias de construção desse trabalho, fazendo com que esse novo encontro não fosse possível.

Posso afirmar também que compreendi, mais do que nunca, a necessidade da construção do debate sobre a representação da mulher na mídia e sobre os locais sociais criados para os gêneros. Além dessa compreensão, consegui afirmar o que é dito em

alguns textos de Fernando Mascarello e Nilda Jacks (2005) sobre os estudos de recepção, sobre como os estudos desta área são colocados a margem das pesquisas em comunicação e que além do estímulo para estas pesquisas, percebo que deve haver um aprofundamento nos estudos sobre as metodologias aplicadas nelas. Para que assim, os próximos pesquisadores que por ventura venham a se interessar por este universo encontrem caminhos melhores para a realização de suas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, E. **Um amor a ser conquistado: mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CODATO, H. **A identidade homossexual no cinema contemporâneo: um estudo de caso no grupo estruturação**. 2003. 175f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

COSTA, O. **Domésticas – o filme: um estudo de recepção com profissionais do Distrito Federal**. 2007. 137f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília. 2007.

ESCOSTEGUY, A. C.; JACKS, N. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JACKS, Nilda. In ENCICLOPÉDIA Intercom de Comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Brasil, 2010. 1v.

LAZARINI, L. **Anjos e deuses suburbanos: um estudo de recepção dos filmes Cidade de Deus e Como Nascem os Anjos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília. 2005.

MASCARELLO, F. Mapeando o inexistente: os estudos de recepção cinematográfica, por que não interessam à universidade brasileira? **Contemporânea revista de comunicação e cultura**, Bahia, v.3, n.2, 2005. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3462>>. Acesso em 10 mai. 2016.

OLMO e a gaiivota. Direção: Petra Costa e Lea Glob, Produção: Charlotte Pedersen, Luís Urbano e Tiago Pavan. França: Zentropa Entertainments, Busca Vida Filmes, O Som e a Fúria, 1h e 27min., 2014, Dvd.

PORTO, M. **A pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia: propondo um enfoque integrado**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 16., 2003, Belo Horizonte.

SERRURIER, C. **Elogio às mães más**. Brasil: Summus Editorial, 1993.

TOURINHO, J. **A mãe perfeita: idealização e realidade – Algumas reflexões sobre a maternidade**. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/viewFile/1710/2343>>. Acesso em 04 mai.2016.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ANEXO A – Capa do Longa Metragem



ANEXO B – Sinopse do Longa Metragem

Uma travessia pelo labirinto da mente de uma mulher, OLMO E A GAIVOTA conta a história de Olivia, atriz que se prepara para encenar A Gaivota, de Tchekov. Quando o espetáculo começa a tomar forma, Olivia e seu companheiro Serge, que se conheceram no Théâtre du Soleil, descobrem que ela está grávida.

Os meses de gravidez se desdobram como um rito de passagem, que forçam a atriz a confrontar seus medos mais obscuros. O desejo de Olivia por liberdade e sucesso profissional bate de frente com os limites impostos pelo seu próprio corpo. Ela se olha no espelho e vê as duas personagens femininas de A Gaivota - Arkadina, atriz que está envelhecendo, e Nina, atriz que se perde na loucura – como inquietantes reflexos de si mesma.

O filme tem uma nova virada quando o que parece ser encenação revela-se como a própria vida. Ou seria o inverso? Esta investigação do processo criativo nos convida a questionar o que é real, o que é imaginado e o que sacrificamos e celebramos em nossas vidas.

APÊNDICE A – Questionário

Questionário: Olmo e a Gaivota – Um estudo de recepção

Nome:

Idade:

Raça/etnia:

Escolaridade:

Contato:

Tem trabalho remunerado? () Sim () Não

Profissão:

Média salarial familiar:

Religião:

Estado Civil:

Esta é sua 1ª gravidez? () Sim () Não

Se não, Quando foi a anterior a esta?

Se não, quantos filhos você já tem?

Quantos meses de gestação você está?

Foi uma gravidez planejada? () Sim () Não

A gravidez interferiu nas suas atividades? () Sim () Não

Se sim, em quais atividades?

Costuma assistir filmes? () Sim () Não

Se sim, qual sua preferência?

() Comédia () Ação () Terror () Romance () Musical () Documentário

() Drama () Outros

Já conhecia este filme?

() Não () Já vi anúncios e/ou vídeos falando sobre ele () Já assisti

O pai está presente nesta gravidez? () Sim () Não

Se sim de que forma?

() Mora comigo e partilha as expectativas e medos () Me acompanha no pré-natal

() Divide as despesas com enxoval () Não mora comigo mas partilha as expectativas e medos () Outras. Descreva:

APÊNDICE B – Roteiro do Grupo Focal

Roteiro para a realização do grupo focal

Local: Condomínio Fit Jardim Botânico - JP

Data: 15/09/2016

Horário: 18:30h

- Boas vindas e entrega dos questionários e termos de compromisso
- Recepção dos questionários e dos termos de compromisso preenchidos
- Exibição do filme
- Debate – Duração máxima: 120 min
 - *Começar perguntando se elas gostaram do filme
 - *Perguntar se elas se identificam com as questões retratadas no filme (medo, insegurança, interferências na vida social, interferência das pessoas “pitacos”)
 - * Como é o período da gravidez? (Estado de graça ou não? O que você sente e pensa é como a sociedade quer impor? Há decepção entre o sonho da gravidez e a realização desse sonho? Existem sacrifícios? Existem mudanças além das físicas? A gravidez é algo individual ou compartilhado? Renasce uma mulher quando nasce um bebê?)
 - * O que é ser mãe e desde quando uma mulher se torna mãe? Existe fórmula para a maternidade ou para a mãe perfeita? O que eu quero ou espero para o meu filho?
 - * Participação do Pai (comportamentos, reações e visão delas sobre eles. Expectativas também. Como a maneira que Serge se coloca é considerada?)
 - * Quem manda no meu corpo? (Questões enquanto mulher, enquanto grávida e enquanto mãe)

Ficar atenta a: Reações, conversas paralelas, expressões corporais, entonação nas respostas

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE OLMO E A GAIVOTA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM GRÁVIDAS DE JOÃO PESSOA - PB

1. Apresentação

A pesquisa OLMO E A GAIVOTA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM GRÁVIDAS DE JOÃO PESSOA, tem como objetivo descobrir a recepção de um grupo focal de grávidas sobre o filme Olmo e a Gaivota. Os procedimentos metodológicos de coleta de dados são: questionários, debate e entrevista. O recorte é constituído por gestantes acima de três meses de gravidez e residentes em João Pessoa.

Trata-se de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, realizada pela pesquisadora Samara Regina Gomes de Melo e orientada pela Prof.Dr^a. Glória de Lourdes Freire Rabay e, para realizá-la, precisamos de sua contribuição.

2. Esclarecimento

Esclarecemos que a sua participação na pesquisa consiste em responder um questionário socioeconômico, assistir junto ao grupo focal o objeto de pesquisa, participar do debate após a exibição, responder a um questionário final sobre os aspectos levantados no filme e no debate e uma possível entrevista individual. Sua participação é voluntária, não haverá custos materiais para você, bem como não haverá remuneração pela sua participação. Você tem a garantia de plena liberdade de participação na pesquisa, podendo recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer momento da realização da pesquisa, sem ter que justificar sua desistência e sem sofrer quaisquer tipos de coação ou penalidade.

Os pesquisadores garantem manter o mais amplo e irrestrito sigilo profissional sobre sua identidade durante e após o término da pesquisa.

Os resultados desta pesquisa somarão aos resultados de pesquisas sobre recepção cinematográfica, maternidade e gênero.

Esclarecemos que os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para os fins previstos no projeto desta pesquisa, os quais serão apresentados no Trabalho de Conclusão de Curso de título citado acima e que os resultados da pesquisa poderão ser publicados em meios de comunicação científica, tais

como eventos científicos, livro e/ou revista acadêmica, sempre resguardando sua identidade.

Para maiores informações e esclarecimentos sobre a pesquisa e/ou seus procedimentos, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Samara Regina Gomes de Melo, pelo telefone nº 9-9628-8062, Whatsapp nº 9-9193-2593 e e-mail samaramello15@gmail.com. Você também poderá entrar em contato com a Coordenação de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba para solicitar todos e quaisquer esclarecimentos éticos que lhe convir sobre a pesquisa. A CJ-UFPB é localizada no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicação Turismo e Artes, telefone 3216-7142, João Pessoa - PB.

Por fim, nós, Samara Regina Gomes de Melo, pesquisadora e Glória de Lourdes Freire Rabay, professora orientadora, declaramos cumprir todas as exigências éticas contidas neste documento durante a pesquisa e após a sua realização.

3. Consentimento

Eu,

_____, RG Nº _____, CPF Nº _____, declaro que:

- 1- Li e compreendi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
- 2- Tenho conhecimento que minha participação na pesquisa OLMO E A GAIVOTA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM GRÁVIDAS DE JOÃO PESSOA - PB é livre e espontânea e consiste em conceder entrevista, responder questionário e participar da exibição seguida de debate sobre o objeto desta pesquisa.
- 3- Não serei remunerada pela minha participação.
- 4- Posso desistir a qualquer momento como participante da pesquisa, sem ter que justificar minha desistência e nem sofrer quaisquer tipo de coação ou punição.
- 5- Não serei identificada nas publicações dos resultados da pesquisa.

Diante do exposto, aponho minha rubrica na página 1 do TCLE e minha assinatura abaixo como prova do meu Consentimento Livre e Esclarecido em participar da pesquisa.

João Pessoa, _____ de _____ 201____.

Participante da Pesquisa

Pesquisador Responsável